



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Uma das grandes questões no debate econômico atual está relacionada ao fraco desempenho da economia brasileira desde 2012. De fato, ocorreu uma desaceleração econômica em vários países a partir da crise que se iniciou em 2007/2008 nos Estados Unidos e que, rapidamente, espalhou-se para os países da Europa Ocidental.

Comparando os períodos de crescimento do PIB de 2001-2005 e 2006-2010, na Tabela 1, é notável a queda do crescimento nos países Europeus, Estados Unidos, Japão e Rússia. Vários países da América Latina apresentaram um desempenho ainda melhor no segundo período (2006-2010), com uma suave redução do

crescimento na Índia e China, dando força à “tese” de descolamento do desempenho econômico entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento que passou a ser mencionada com frequência entre 2008 e 2011 por analistas econômicos e parte da mídia especializada no tema.

A China vem mantendo uma trajetória de desaceleração, o que dá suporte a “tese” do *soft landing*, enquanto a Índia vem mostrando recuperação econômica, voltando a apresentar taxas semelhantes ao período pré-crise. Alguns países da América Latina sentiram pouco os efeitos da crise, como Bolívia, Colômbia, Chile e Uruguai.

Tabela 1 – Evolução da taxa real de crescimento anual do PIB em países selecionados: 1991-2014

	1991-1995	1996-2000	2001-2005	2006-2010	2011	2012	2013	2014
Argentina	6.70%	2.66%	2.35%	5.79%	8.39%	0.80%	2.89%	0.47%
Brazil	3.09%	2.16%	2.88%	4.47%	3.92%	1.76%	2.74%	0.14%
Chile	8.71%	4.20%	4.21%	3.52%	5.84%	5.46%	4.23%	1.89%
Colombia	4.14%	1.25%	3.63%	4.55%	6.59%	4.04%	4.94%	4.55%
Mexico	2.18%	5.10%	1.66%	1.99%	4.04%	4.01%	1.39%	2.12%
Bolivia	4.11%	3.46%	3.10%	4.60%	5.17%	5.18%	6.78%	5.40%
Uruguay	3.99%	2.96%	0.34%	5.97%	5.16%	3.32%	5.10%	3.50%
Russian Federation	-8.99%	1.78%	6.14%	3.72%	4.26%	3.41%	1.34%	0.64%
China	12.31%	8.61%	9.77%	11.27%	9.48%	7.75%	7.68%	7.35%
India	5.10%	6.09%	6.74%	8.34%	6.64%	5.08%	6.90%	7.42%
Germany	2.05%	1.91%	0.57%	1.30%	3.59%	0.38%	0.11%	1.60%
Spain	1.52%	4.09%	3.39%	1.10%	-0.62%	-2.09%	-1.23%	1.39%
France	1.29%	2.91%	1.66%	0.79%	2.08%	0.18%	0.66%	0.18%
Italy	1.31%	2.00%	0.94%	-0.27%	0.59%	-2.77%	-1.70%	-0.43%
Greece	1.26%	3.70%	3.88%	-0.19%	-8.86%	-6.57%	-3.90%	0.77%
Portugal	1.73%	4.08%	0.87%	0.63%	-1.83%	-4.03%	-1.60%	0.89%
United States	2.60%	4.30%	2.54%	0.78%	1.60%	2.32%	2.22%	2.39%
Japan	1.42%	0.85%	1.20%	0.39%	-0.45%	1.75%	1.61%	-0.10%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial.

Notas: números em azul significa crescimento acima do brasileiro no mesmo período, enquanto em vermelho é o oposto.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Ainda na Tabela 1, percebe-se a severidade da crise em alguns países europeus, como na Grécia, Portugal, Espanha e Itália. Entre 2006 e 2014 a Grécia reduziu em cerca de 20% a produção anual no conjunto de bens e serviços, o que ajuda a entender a revolta da população grega e a vontade da maioria em sair da união monetária.

Olhando o crescimento agregado por regiões, na Tabela 2, torna-se mais evidente que os países que mais sentiram os efeitos da crise são os de renda alta.

Apesar do tão falado bom desempenho da economia brasileira entre 2004 e 2010, os dados apresentados nessa tabela deixam claro que o seu crescimento ficou abaixo daquele dos países de renda média e média alta em todos os subperíodos considerados, entre 1991 e 2015, ficando a frente do crescimento dos países de renda baixa apenas entre 1991 e 1995. Em mais da metade do período, ficamos abaixo até mesmo da média mundial.

No período considerado na Tabela 2, o desempenho econômico brasileiro tem ficado a frente apenas dos países desenvolvidos, que já possuem economia madura e crescem, basicamente, através de inovação, visto que já estão na fronteira

tecnológica. Para os países de menor renda, é natural que apresentem um maior crescimento pela possibilidade de aproveitamento das tecnologias já desenvolvidas em países mais ricos, sendo que os dados da tabela dão suporte a essa hipótese.

Por fim, cabe comentar a taxa de crescimento da economia brasileira, onde fica claro que os efeitos da crise, em um primeiro momento, foram pequenos, mas que o seu desempenho vem se deteriorando rapidamente desde 2012. Enquanto seu desempenho ficou acima daquele da média latino-americana, no período 2000-2010, o oposto ocorre a partir de 2011, com exceção de 2013, onde as taxas foram muito próximas nas duas regiões, como exposto na Tabela 2.

Os resultados mostram que, com exceção dos países de alta renda, o desempenho da economia brasileira se deteriorou mais em relação aos demais países, inclusive àqueles que são semelhantes em termos geográficos, históricos e institucionais (demais latino-americanos), evidenciando que os problemas internos são cruciais para o entendimento do seu processo de desaceleração e estagnação.

Tabela 2 – Evolução do PIB anual em regiões selecionadas e de acordo o nível de renda: 1991-2014

Country AREA	1991-1995	1996-2000	2001-2005	2006-2010	2011	2012	2013	2014
High income	1.92%	3.22%	2.32%	1.23%	1.90%	1.34%	1.44%	1.70%
Upper middle income	4.34%	4.83%	5.62%	6.77%	6.32%	5.30%	5.10%	4.48%
Middle income	3.89%	4.61%	5.67%	6.69%	6.11%	5.18%	5.27%	4.80%
Low income	0.23%	3.42%	4.81%	5.93%	6.53%	6.72%	5.83%	6.26%
World	2.20%	3.43%	2.88%	2.31%	2.84%	2.23%	2.35%	2.47%
Brazil	3.09%	2.16%	2.88%	4.47%	3.92%	1.76%	2.74%	0.14%
Latin America & Caribbean	3.26%	3.24%	2.63%	3.64%	4.57%	3.01%	2.67%	1.32%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial

Notas: números em azul significa crescimento acima do brasileiro no mesmo período, enquanto em vermelho é o oposto.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Apesar do cenário de deterioração até 2014, o que mais preocupa é a previsão de crescimento realizada pelo Banco Mundial, para 2015, 2016 e 2017, onde o crescimento da economia brasileira dever ficar abaixo de, praticamente, todos os países e regiões, mesmo dos desenvolvidos, de acordo com os dados apresentados na Tabela 3.

Dessa forma, estamos ficando para trás em relação ao resto do mundo e ao próprio país de alguns anos atrás devido ao crescimento negativo atual, o que se acentua ainda mais se for considerado em termos de renda per capita.

Mesmo comparando com o México, que é uma economia semelhante à brasileira em termos de renda e desenvolvimento, além de ser um país relativamente grande em termos populacionais e de PIB, mas muito mais integrado à economia norte-americana, não se percebe uma desaceleração econômica tão significativa quanto à brasileira a partir da crise internacional.

A comparação com o restante da América Latina é importante pela semelhança em vários aspectos. Apesar dos 500 anos de história, o nível médio de renda do Brasil e do restante da América Latina são muito semelhantes, com um desenvolvimento econômico e institucional próximo decorrente do processo de colonização, da utilização de mão de obra escrava, do período em que ocorreram os processos de independência nas diferentes regiões, além do desenvolvimento político e econômico após a independência.

Adicionalmente, a distância em relação ao resto do mundo e vários aspectos geográficos são análogos, quando considerando o conjunto do

Brasil, por um lado, e o restante da América Latina, por outro.

Fazendo uma conta simples, o crescimento do Brasil, entre 2006 e 2010, foi de 4,47%, e entre 2011 e 2015, com previsão do Banco Mundial para 2015, como apresentado na Tabela 3, o crescimento médio será de 1,45%, correspondente a uma retração 67,5%, entre um período e outro. Os números para a América Latina são de 3,64% e 2,39%, nos dois períodos, respectivamente, o que representa uma retração de 34,3% na taxa de crescimento, praticamente metade da queda ocorrida no Brasil.

Considerando que a contração econômica estimada para a América Latina inclui o Brasil e supondo que essa retração (do restante da América Latina) foi, em grande medida, decorrente dos efeitos da crise econômica internacional, leva a conclusão de que mais da metade do arrefecimento da economia brasileira, entre os dois períodos citados, é decorrente de problemas internos.

Outro ponto importante que se nota nas três tabelas é que enquanto 2015 é um ano de recuperação lenta para muitos países e regiões, o contrário vem ocorrendo na América Latina, mas com uma situação muito mais preocupante no caso brasileiro. Adicionalmente, muitas estimativas já se mostram mais pessimistas para a economia brasileira em 2016, inclusive com uma possível retração de seu produto por mais um ou dois anos.

Surpreende a velocidade de deterioração da economia brasileira em relação às demais economias do resto do mundo e também em relação ao restante da América Latina.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Tabela 3 – Previsão de crescimento dos países em países e regiões selecionadas: 2015-2017

	2015	2016	2017
Argentina	1.08%	1.79%	3.01%
Brazil	-1.30%	1.10%	2.00%
Chile	2.92%	3.34%	3.49%
Colombia	3.47%	3.86%	4.17%
Mexico	2.62%	3.20%	3.50%
Bolivia	4.78%	4.24%	4.06%
Uruguay	2.59%	3.09%	3.23%
Russia Federation	-2.74%	0.74%	2.51%
China	7.12%	7.04%	6.89%
India	7.50%	7.90%	8.00%
United Kingdom	2.64%	2.60%	2.20%
United States	2.71%	2.85%	2.40%
Japan	1.10%	1.70%	1.20%
World	2.77%	3.27%	3.23%
Developing Countries	4.44%	5.16%	5.38%
Euro area	1.50%	1.82%	1.60%
Latin America & Caribbean	0.40%	2.00%	2.80%
High Income Countries	2.00%	2.37%	2.19%
Low Income	6.20%	6.60%	6.60%

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Banco Mundial - Global Economic Prospects.

Notas: números em azul significa crescimento acima do brasileiro no mesmo período, enquanto em vermelho é o oposto.

Na Figura 1, nota-se que o mercado de trabalho começa a sentir os efeitos da recessão brasileira no mercado de trabalho. As consequências do baixo dinamismo econômico no mercado de trabalho foram retardadas de forma artificial pelas políticas econômicas de estímulo da demanda que ocorreram até o final de 2014, tornando a situação atual ainda mais complicada pela piora da situação fiscal e da inflação, o que ajuda a entender o cenário atual crítico.

As medidas de ajuste fiscal e monetário acentuam ainda mais a situação recessiva no curto

prazo, reduzindo o nível de ocupação desde o início de 2015 e com efeitos também na procura por emprego, o que fica evidente pela elevação da População Economicamente Ativa (PEA) nos últimos meses, revertendo a trajetória de queda presenciada anteriormente.

A elevação da PEA pode ser explicada, pelo menos em parte, pela piora nas condições do mercado de trabalho que vem pressionando alguns membros das famílias a buscarem ocupação para complementação renda familiar.

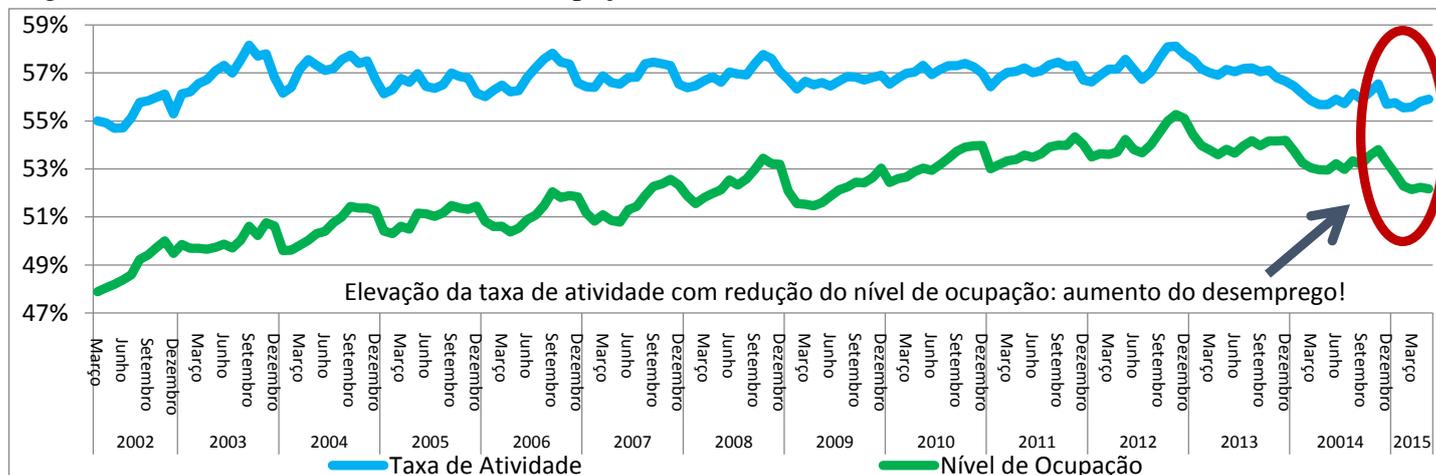


Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Figura 1 – Taxa de atividade e nível de ocupação na economia brasileira: Mar/02 – Mai/15



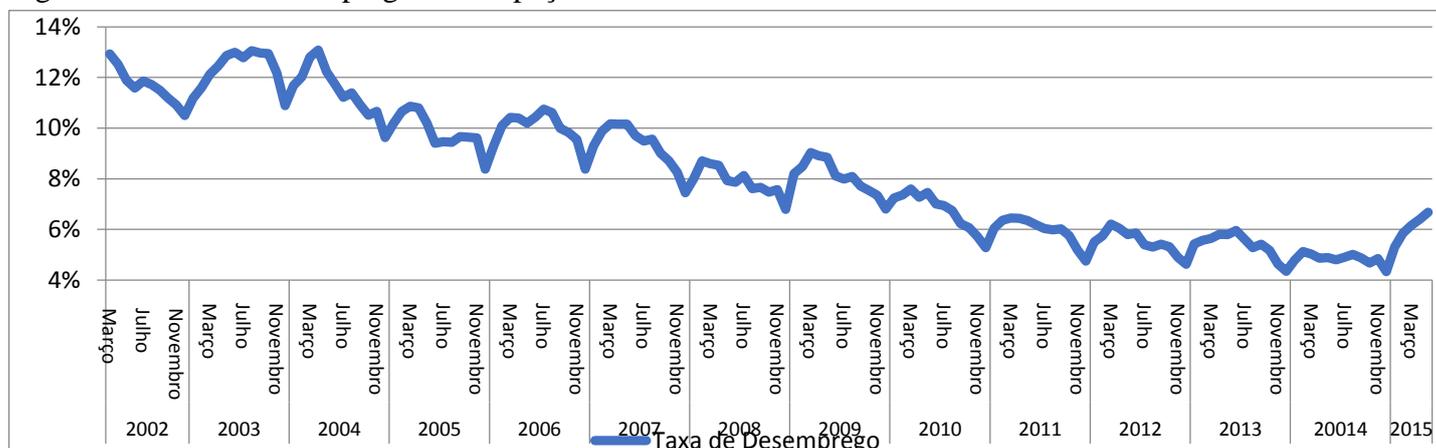
Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE – Pop. 10 anos ou mais. Período: Março/02 a Maio/15

A elevação da taxa de atividade com redução no nível de ocupação leva, inevitavelmente, a uma elevação da taxa de desemprego, como exposto na Figura 2. O que preocupa mais é que pelos estímulos de demanda que estavam mantendo esse mercado aquecido de forma artificial, é provável que todo o efeito acumulado seja sentido em 2015, com elevação considerável do taxa de desemprego.

Adicionalmente, mesmo que a economia cresça em torno de 1% em 2016, não será suficiente

para reverter a trajetória de elevação da taxa de desemprego, visto que ainda existe uma entrada maior do que a saída no mercado de trabalho, que o mercado ainda continuará com redução real dos salários, forçando a entrada de mais pessoas na PEA, que existem ganhos de produtividade, além do fato de que o mercado de trabalho sempre tende a reagir tardiamente em relação às condições da economia.

Figura 2 – Taxa de desemprego/desocupação na economia brasileira: Mar/02 – Mai/15



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da PME/IBGE – Pop. 10 anos ou mais. Período: Março/02 a Maio/15



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Na Tabela 4, encontram-se os dados de variação do rendimento médio real de 2015 em relação aos mesmos meses de 2014. Nela, nota-se que quase todas as regiões metropolitanas analisadas apresentaram crescimento real do salário no começo do ano (Jan/2015 contra Jan/14), mas a deterioração fica evidente com o passar dos meses. A queda salarial média nessas regiões ficou em 5%

entre Mai/14 e Mai/15, uma queda expressiva do rendimento médio real em um ano.

A deterioração do mercado de trabalho foi relevante em todas as regiões, mas destaca-se a região metropolitana de Salvador e do Rio de Janeiro. O comportamento salarial da região metropolitana de São Paulo é semelhante à média de todas as regiões, até mesmo pela sua maior importância.

Tabela 4 - Taxa de variação do rendimento médio real do trabalho principal em relação ao mesmo mês do ano anterior

Mês	Região Metropolitana e Total das áreas						
	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	Total das áreas
jan/15	1,33%	13,99%	-2,25%	1,87%	1,51%	0,10%	1,67%
fev/15	3,74%	2,07%	-3,19%	-0,06%	-1,16%	0,87%	-0,51%
mar/15	2,24%	-6,86%	-2,79%	-2,16%	-3,45%	-3,54%	-3,01%
abr/15	-2,70%	-5,53%	-4,14%	-2,74%	-2,64%	-1,92%	-2,89%
mai/15	-2,69%	-5,72%	-5,64%	-6,28%	-5,34%	-1,61%	-5,03%

Fonte: PME/IBGE – População 10 anos ou mais. Período: Jan/15 a Maio/15

Considerando um período mais recente, com dados da PNAD contínua, nota-se que em trimestres que costumam apresentar forte elevação no número de pessoas ocupadas (Fev/Mar/Abr e Mar/Abr/Mai), o comportamento não se repete em 2015, de acordo com os dados apresentados na Figura 3, reforçando ainda mais a percepção de estagnação da economia brasileira.

Os dados do Caged (não apresentados no presente boletim) indicam que junho de 2015 também foi um mês atípico com elevada destruição

de empregos formais, o que indica que o trimestre Abr/Mai/Jun de 2015 será de redução do número da população ocupada.

Cabe destacar que a PNAD considera a população com 14 anos ou mais ao invés de 10 anos ou mais como a PME, além da amostra ser representativa para todo o país e não somente para as seis regiões metropolitanas da PME, sendo que a dinâmica do mercado de trabalho no interior é distinta daquela das regiões metropolitanas.

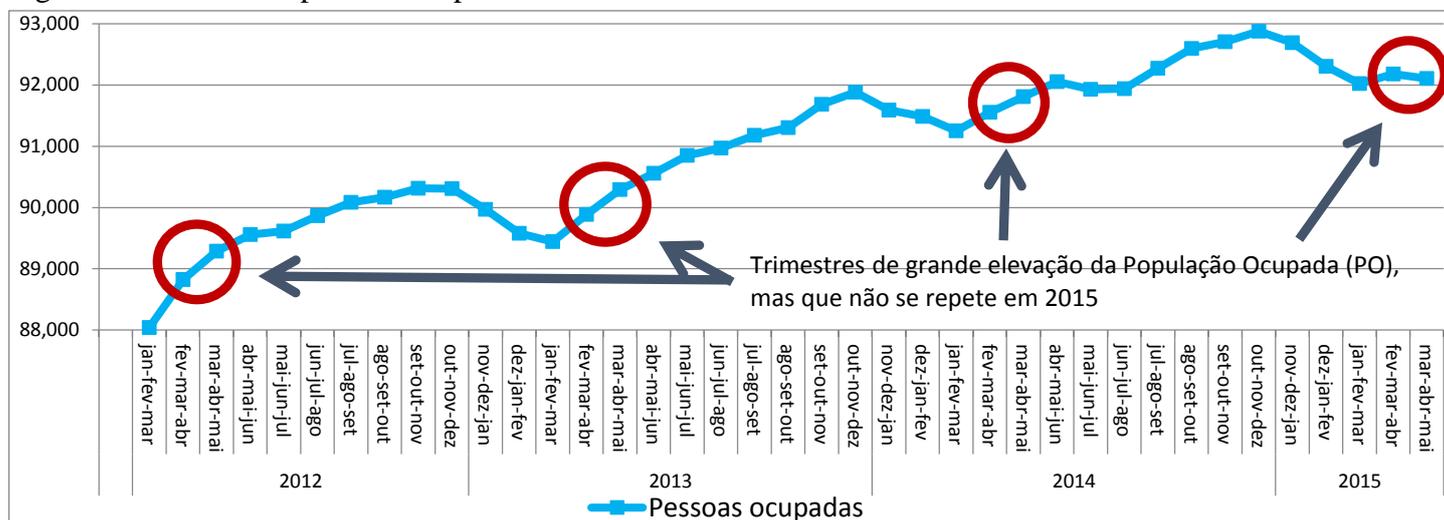


Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

Figura 3 – Número de pessoas ocupadas em milhares: Jan/Fev/Mar/ de 2012 – a Mar/Abr/Mai/ de 2015



Fonte: Elaboração própria a partir da PNAD Contínua/IBGE – População de 14 anos ou mais, em milhares.

A estagnação no número de pessoas ocupadas com a entrada de pessoas no mercado de trabalho tem gerado uma elevação no número de pessoas desocupadas em trimestres que são

tipicamente de redução dessa variável (Fev/Mar/Abr e Mar/Abr/Mai), como poder ser verificado na Figura 4.

Figura 4 – Número de pessoas desocupadas em milhares: Jan/Fev/Mar/ de 2012 – a Mar/Abr/Mai/ de 2015



Fonte: Elaboração própria a partir da PNAD Contínua/IBGE – População de 14 anos ou mais, em milhares.



Conjuntura Econômica

Ribeirão Preto/SP

Prof. Luciano Nakabashi

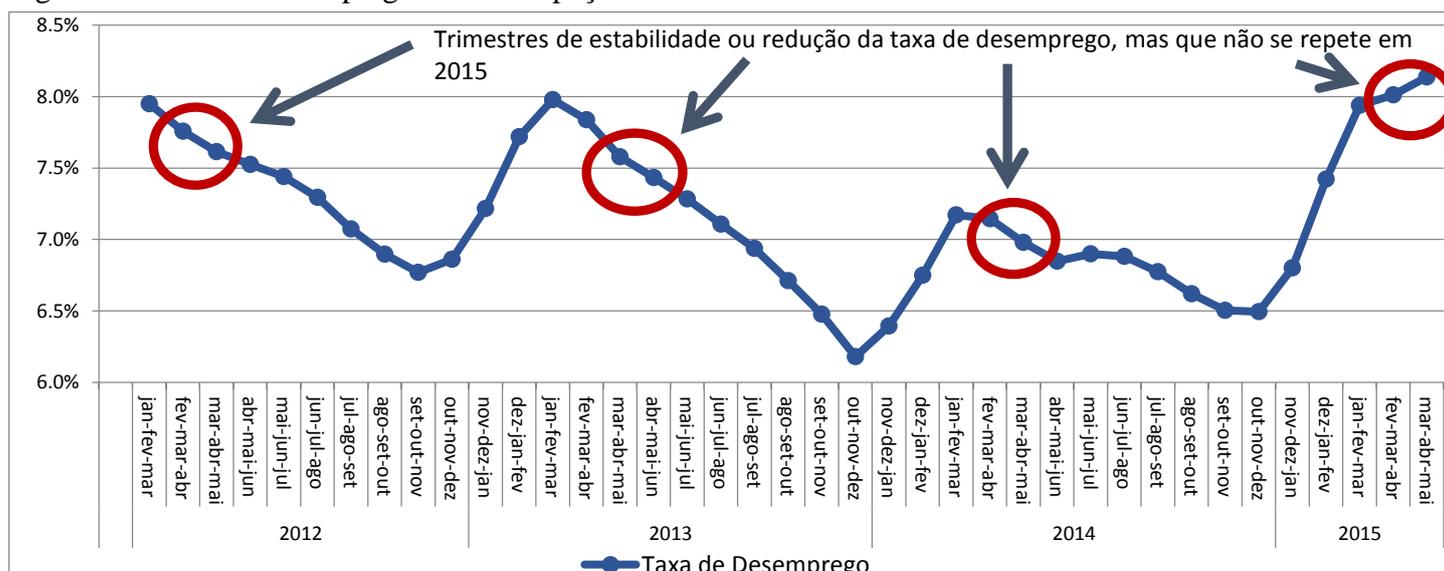
Considerando a razão entre as pessoas desocupadas (Figura 4) e a soma dos ocupados e desocupados (Figuras 3 e 4), encontra-se a taxa de desemprego, sendo sua evolução apresentada na Figura 5. Nela, percebe-se o mesmo padrão da figura anterior, ou seja, elevação da taxa de desemprego em trimestres que são tipicamente de redução.

Comparando o trimestre Mar/Abr/Mai de 2014 em relação ao mesmo trimestre de 2015, a taxa de desemprego passou de 6,98% para 8,14%,

uma expressiva elevação de quase 1,2% em um período de um ano.

A tendência é que essa taxa continue se elevando ao longo de 2015, ainda mais quando se compara com o mesmo mês do ano anterior visto o fraco desempenho da economia, com tendência a um cenário semelhante de retração econômica no segundo semestre, além da grande instabilidade no cenário político que vem dificultando o ajuste fiscal e gerando incertezas que prejudicam os investimentos e a retomada econômica.

Figura 5 – Taxa de desemprego ou desocupação: Jan/Fev/Mar/ de 2012 – a Mar/Abr/Mai/ de 2015



Fonte: Elaboração própria a partir da PNAD Contínua/IBGE – População de 14 anos ou mais.

Pelo exposto, percebe-se que a crise internacional vem afetando a econômica brasileira. No entanto, os principais elementos são internos decorrentes de erros de política econômica adotadas anteriormente, além de uma tendência estrutural de crescimento do Estado na economia brasileira desde a constituição de 1988.

Adicionalmente, apesar do crescimento razoável, os anos Lula não foram superiores ao de países semelhantes, entre 2004 e 2010, o que indica

que, em grande medida, os efeitos positivos foram decorrentes de uma economia internacional em expansão, com efeitos no fluxo de capitais para países em desenvolvimento, além de uma melhora considerável nos preços das *commodities*.

Em suma, a reversão do cenário internacional, os erros recentes de política econômica, além de problemas estruturais da economia brasileira estão revertendo os ganhos econômicos e sociais alcançados na década passada.